

dado Valdeci, na Praça da Matriz, no dia 8 de agosto de 1990.

Já havia dito desta tribuna, antes do julgamento, que estavam ocupando o banco dos réus em Porto Alegre não os agricultores, mas, sim, a reforma agrária, o Movimento dos Sem-Terra, a igreja progressista, a Central Única dos Trabalhadores, os partidos de esquerda, enfim, toda a sociedade que luta por mudanças neste País, que não compactua com a corrupção do Governo Collor. E isso veio a se confirmar na madrugada de sábado, quando foi proferida a sentença aos agricultores que estavam no banco dos réus, representando todos esses movimentos.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Deputados, esse foi o julgamento mais longo, mais vergonhoso e mais injusto já visto na história da Vara Criminal de Porto Alegre. Esses agricultores foram absolvidos pelo corpo de jurados, por 5 votos contra 2, sob a alegação de falta de provas; quando foi votado outro quesito para saber se haviam contribuído de alguma maneira para a morte do brigadiano Valdeci, foram condenados por 4 votos contra 3, ou seja, chegou-se à conclusão de que haviam contribuído, de alguma maneira, para a sua morte.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Deputados, se eles foram condenados a 6 ou 8 anos de prisão por terem contribuído de alguma forma para a morte do soldado, deveriam estar incluídos também nesta lista de culpados o ex-Governador do Estado, Sr. Sinval Guazzelli, o ex-Secretário de Agricultura, Sr. Marcos Palombini, e ainda o Ministro da Agricultura, Sr. Antônio Cabrera, que havia prometido o assentamento desses agricultores. E o não cumprimento dessa promessa fez com que aqueles trabalhadores fossem à Praça da Matriz reivindicar seus direitos.

Foram presos somente seis agricultores, entre eles uma agricultora, mãe de uma criança de seis meses, que levou três tiros da Brigada Militar e ficou vários dias em estado de coma, tendo sido, mesmo assim, condenada a 7 anos de prisão.

Portanto, Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Deputados, não podemos admitir um julgamento como esse.

Queremos também, desta tribuna, expressar o nosso repúdio pela maneira como foi usado o cadáver do Soldado Valdeci, como foram usadas as lágrimas da viúva, visando somente a defender os interesses do latifúndio. Não se pode admitir que se use o sofrimento e a dor daqueles que lutam por justiça neste País, sejam eles agricultores, sejam eles brigadianos, e que sejam condenados.

Sr. Presidente, abrirei mão da minha imunidade parlamentar e me apresentarei voluntariamente como culpado por lutar pela reforma agrária e por ter sido um dos pioneiros do Movimento dos Sem-Terra. Faço um apelo a todos os ilustres colegas que lutam pela reforma agrária para que também se apresentem como culpados, porque foram igualmente julgados.

Era o que tinha a dizer.

O SR. JOSÉ LOURENÇO (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Deputados, diversos jornais do nosso País, alguns mais incisivos que outros — um, até, pede a renúncia do Presidente da República, com um editorial sob o título “Renúncia-Já” — destacam a crise política.

Ora, o Presidente Fernando Collor foi eleito por 35 milhões de brasileiros. Durante os seus dois anos de governo ingressamos num período reconhecidamente de modernidade,

com a abertura do mercado brasileiro estimulando a competitividade, através do programa de privatizações em andamento, pela aprovação da Lei de Informática e, ainda há pouco, da nova lei do Sistema Portuário do País, dentre outras medidas, como a reforma tributária em debate, que colocam o Brasil nos degraus que nos levarão ao Primeiro Mundo.

Não menos relevante é salientar o êxito da ECO-92, pelo número de chefes de estado e de governo presentes, bem como pelos seus resultados, reconhecidos por todos, mas sobretudo porque demonstramos ao mundo nossa capacidade empreendedora e de realização, que não teria certamente assumido a dimensão positiva que foi transmitida do Brasil não fora a determinação, atenção e presença que dedicou ao grande evento o Presidente Fernando Collor.

Nada disso pode ser negado, pois são fatos mais do que evidentes. Ou continuamos apostando na modernidade e seguimos-la, ou voltamos as nossas vistas para o arcaico, o antigo e o ultrapassado.

Sr. Presidente, depois de apurados os fatos de que é hoje acusado — na minha avaliação, entendo que S. Ex^a não tem envolvimento com os mesmos — acredito que o Presidente da República deverá continuar a ter o apoio do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, assim como da Nação brasileira, para continuar a governar o País. Entendo — e quero deixar claro — que muitos homens e mulheres com assento nesta Casa não irão levar o País para nenhuma aventura ou permitir que haja aventuras no Brasil.

De uma coisa pode a Nação ficar certa: o Presidente não vai se suicidar ou renunciar, e ninguém aqui terá maioria para votar seu impedimento.

Portanto, é importante que fique bem claro que o Presidente irá completar seu mandato, um mandato que não pertence a mim, nem a nenhum de nós em particular, mas a toda a Nação brasileira, pois Sua Excelência foi eleito pela vontade da maioria.

Vamos apurar os fatos. Aguardamos hoje a manifestação do Sr. Presidente da República à Nação. Estou certo de que depois do seu pronunciamento, como há pouco dizia o ex-Ministro Ibrahim Abi-Ackel, um dos Parlamentares mais experientes desta Casa, todos ficaremos convencidos de que Sua Excelência não está envolvido em nenhuma dessas acusações que lhe são imputadas.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Deputados, nossa manifestação é no sentido de apoiar o Sr. Presidente da República para dar continuidade ao processo de modernidade que se iniciou no Brasil, a partir da ação decidida de Sua Excelência.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jairo Azi) — Enquanto aguardamos **quorum** para iniciarmos a Ordem do Dia, concedo a palavra à nobre Deputada Sandra Cavalcanti.

A SRA. SANDRA CAVALCANTI (Bloco — RJ. Sem revisão da oradora.) — Sr. Presidente, queria apenas acrescentar às considerações que foram feitas aqui uma observação que acho oportuna neste instante que o Brasil está vivendo.

Mais do que a análise do comportamento das pessoas, penso que o Brasil devia se debruçar sobre a estrutura deste sistema de poder. Mesmo que a tremenda campanha que vem sendo feita termine com a renúncia do Presidente, não tenho a menor dúvida de que seu sucessor, na hora em que fosse investido no cargo de Presidente da República, para dar prosseguimento ao mandato, iria enfrentar as mesmas dificuldades, porque elas não nascem das pessoas, mas do sistema.